

## Psicanálise&Barroco em revista

(ISSN:1679-9887)

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista

### Editorial – Revista v. 14 n. 01

É com imenso prazer que anunciamos a mais nova edição da “Psicanálise e barroco em Revista”! Nossa décima quarta edição nos brinda com belíssimos artigos, para serem saboreados por nossos leitores. Vamos a eles!

Para abrir nossa edição com chave de ouro, o artigo **“Anorexia e tragédia: o posicionamento paradoxal do sujeito frente ao Outro e ao desejo”**, de Dayane Costa de Souza Pena e Roberto Calazans, a partir do fecundo diálogo entre psicanálise e tragédia, elucida o paradoxo em jogo na anorexia, pois com seu sintoma o sujeito coloca em cena ao mesmo tempo uma posição de assujeitamento ao desejo do Outro, e uma tentativa radical de separação. Os personagens de Sófocles, Édipo e Antígona, destacados respectivamente das peças *Édipo Rei* e *Antígona* darão voz a esse paradoxo próprio a todo sujeito falante, e tão caro ao sujeito anoréxico.

Ainda nesse entrecruzamento entre arte e psicanálise, tão caro a nossa revista, apresentamos o texto **“Pina, Freud e Lacan: um ensaio”**, de Fabíola Vieira Bertotti e Daniela Scheinkman Chatelard. Tendo como ponto de partida a obra da dançarina Pina Bausch, as autoras interrogam o laço entre corpo e linguagem, desmascarando a Coisa freudiana, *das Ding*, como uma hiância estrutural, que, através da dança, feita de movimentos inacabados e inéditos, expõe um potencial criador, que engendra uma nova relação e novos olhares sobre o corpo.

Ainda versando sobre a criação, Tiago Ribeiro Nunes e Tania Rivera no artigo **“Freud e o mal-estar na civilização”** propõem que a sublimação, em Freud seja compreendida como o que há de mais singular na experiência do sujeito com a linguagem, na medida em que possibilita a invenção e o surgimento do novo, sendo fecundo de um potencial transformador.

O corpo, esse estranho-familiar, é tema do artigo de Yvisson Gomes dos Santos, **“O corpo: esse nosso amigo (des)conhecido - alguns apontamentos”**. O autor envereda pelos caminhos do autoerotismo ao narcisismo, destacando o corpo em seu estatuto de incompletude, de fissuras, de falhas não unificadoras, como um (des)conhecido de todos nós.

Débora Ferreira Bossa e Anamaria Silva Neves, no artigo **“Uma leitura psicanalítica sobre a infância protagonizada por Górkki, Ramos e Vasconcelos”**, evidenciam o caráter inovador da psicanálise ao revelar que a infância é o lugar da vivência do trauma, do desamparo e da tentativa de construção de laços, os quais vão ser retomados ou ressignificados na vivência do adulto. As obras literárias “Infância” de Maksim Górkki, “Infância” de Graciliano Ramos e “O Meu Pé de Laranja Lima” de José Mauro de Vasconcelos serão uma importante ferramenta para pensarmos a infância e o infantil na psicanálise.

Freud ensina que no adulto há o retorno do infantil, o que só evidencia o lugar de destaque que a psicanálise dá à memória. Nesse sentido, o artigo **“Memória e experiência: um tecer de traços e impressões”**, de Lana Magna Sousa Braz demarca que o reordenamento de traços mnêmicos corresponde à própria formação do aparelho psíquico. A autora dá destaque a dois textos freudianos: o “Projeto para uma Psicologia para uma científica” e a “Carta 52”, esmiuçando os ensinamentos de Freud sobre a tessitura da memória.

O artigo **“O retorno da letra: literatura e psicanálise”**, de Gustavo Capobianco Volaco, recorre ao texto bíblico, especificamente ao Antigo Testamento e, em seguida, ao complexo trabalho de James Joyce, evidenciando a descoberta freudiana, tão salientada por Lacan: somos efeitos da linguagem, ato de inoculação significativa que é violento a todo sujeito e repleto de consequências.

Como efeito de linguagem, é impossível dissociar subjetividade e cultura, não em vão, Lacan indica que o psicanalista deve estar atento a subjetividade de sua época. Nesse contexto se insere o artigo **“Amplificação do discurso do capitalista no sujeito e nos laços sociais digitais”**, de Patrícia do Prado Ferreira Lemos. Partindo da teoria lacaniana dos discursos, a autora aponta que os discursos do mestre, do universitário, da histérica e do analista são modos de aparelhar linguagem e gozo, condição necessária para a renúncia pulsional. Contudo, no discurso capitalista, há um apelo ao gozo que faz barreira ao laço social, o que o artigo aborda a partir das redes sociais e das peculiaridades que ali se estabelecem. Sem dúvida, a autora leva o leitor a pensar sobre a subjetividade de nossa época, e seus possíveis desdobramentos.

Ainda tratando do modo como nossa época lida com o mal-estar, o artigo **“O lugar do sujeito e do gozo nos processos de medicalização dos sintomas”**, de Leonardo José Barreira Danziato e Leonardo Barros de Souza, delimita as estratégias práticas e discursivas utilizadas pelo campo médico para lidar com fenômenos paradoxais da subjetividade, reduzindo-os a

intervenção medicamentosa. Contrapondo-se a esse discurso, a psicanálise evidencia a singularidade presente em cada sintoma, sustentada pelo inconsciente e pela satisfação da pulsão.

Ao se ater a subjetividade de sua época, a psicanálise não pode se esquivar diante do crescimento de discursos fundamentalistas que propagam a intolerância e o ódio. Orlando Soeiro Cruxên, no artigo **“A homofobia no campo psicanalítico”**, faz uma interessante leitura do ódio e agressividade direcionados aos homossexuais pelo referencial teórico da psicanálise. Sustenta a partir de Freud, a impossibilidade de se construir um discurso segregacionista a partir da psicanálise, já que essa se configura como uma prática que considera a singularidade do desejo, acolhendo a diferença, e o caráter subversivo da sexualidade humana.

O artigo **“Crime, gozo e ato: uma leitura psicanalítica”**, de Vania Conselheiro Serqueira, esclarece que só podemos falar em transgressão a partir de certo referencial, o que necessariamente implica o Outro, imbricando sujeito e cultura em um ato dito criminoso. A autora retorna a diversas referências antropológicas na tentativa de delimitar o que seria um crime, e a partir daí discute quais as contingências levam um sujeito a se posicionar por um ato criminoso diante do mal estar. E, além disso, se pergunta como a cultura contemporânea estaria implicada na produção desse sintoma.

Sendo o sintoma uma via de acesso ao inconsciente, Cristiane Corrêa Borges Elael e Maria Isabel de Andrade Fortes, no artigo **“Sintoma e fenômeno psicossomático”**, propõem um desenvolvimento teórico sobre noções fundamentais para o estudo psicanalítico do fenômeno psicossomático a partir de Freud e Lacan. Esclarecem que o fenômeno psicossomático evidencia uma erupção de gozo no corpo, abordando a noção lacaniana de holófrase para delimitar o fenômeno.

Nossa edição retoma ainda, a importância da noção de estruturas clínicas para a psicanálise, com o artigo **“Um olhar sobre a Paranoia”**, de Karine Barbosa de Carvalho Borges e Roberto Lopes Mendonça. Os autores partem dos textos freudianos sobre tema, até as contribuições lacanianas, mapeando as particularidades dessa estrutura clínica, que vão delinear a posição do analista e o melhor caminho a ser percorrido para a construção de uma metáfora delirante, que possa funcionar como ponto de amarração e estabilização desse sujeito.

Por fim, contamos ainda com o artigo **“A transferência na instituição: a Psicanálise nas clínicas escola”**, de Emilie Fonteles Boesmans, Antonio Dário Lopes Júnior e Lia

Carneiro Silveira. O texto faz uma análise acerca da Psicanálise na Universidade, especialmente de sua entrada em instituições de clínicas escola – os chamados “Serviços de Psicologia Aplicada” - e as implicações desta inserção para o estabelecimento da transferência. É realizada uma breve revisão sobre o conceito de transferência, e são destacadas as questões burocráticas, acadêmicas e as questões sobre o tipo de serviço oferecido nessas instituições. É apresentado ainda um relato de experiência relativo ao período de atendimento clínico no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Estadual do Ceará no período de outubro de 2011 a janeiro de 2013, evidenciando uma aposta, de que, apesar da lógica institucional a transferência pode acontecer, possibilitando o acontecimento do tratamento analítico.

Desejamos a todos uma boa leitura!

© 2016 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) / [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)